

**ASSIMETRIAS
SOCIAIS**
Fragmentos
de uma peça
teatral



A BELEZA DAS EMPRE- GADAS DOMES- TICAS

Manuel Jerónimo, 2024
Encenador

“Lu – Mas dinheiro
é só uma forma de falar.
Não temos de estar sempre
a falar de dinheiro.
Isso é só uma forma,
uma roupagem, digamos.
Há muitos géneros
de riqueza.
Marta – Claro, mas o dinheiro
compra-as todas.
Lu – Golo! Dito como
uma verdadeira capitalista.
Marta – Não me diga
que é comunista?
Lu – Eu sou o que for
preciso ser.”

A ideia inicial do espetáculo era simples e talvez um pouco antiquada: como entender a relação entre trabalhadores e patronato; o que é, claro, um problema velho e fora de moda, mas suportado por um princípio elementar. Num mundo de trocas monetárias, as relações laborais são, na sua base mais elementar e por mais complexidade que lhes seja colocada em cima, uma relação entre aquele que trabalha e aquele que paga para que o trabalho seja feito. E essa relação elementar foi a primeira pedra do drama que levámos a cena.

Posto isto, o contexto começou a ganhar forma: queria explorar o trabalho e o modo como estas duas posições olham para ele; ou seja, como é olhar para o Trabalho (assim mesmo, com letra maiúscula) do ponto de vista do trabalhador e como é olhar para ele do ponto de vista do patrão. Deste lugar, surgiu o primeiro rascunho da história – uma entrevista de emprego. Esta situação invulgar, pareceu-me suficientemente dramática para que pudesse explorar estas diferentes perspetivas e perceber como é que na forma como estas duas personagens se preparam para esta situação poderia falar sobre o que sentem, pensam e desejam do Trabalho. Por isso, as primeiras versões da peça, tomaram a forma de um ciclo de entrevistas de trabalho, cada vez mais próximas do sucesso que exporiam as personagens a situações de maior tensão, nas quais os seus valores e princípios eram colocados à prova e desafiados. E aqui encontrei o primeiro problema da peça.

Sabia que o próprio binómio trabalhar/patronato seria, para muitos, um obstáculo a ultrapassar, porque me parece que nos coloca em dilemas laborais do século passado. Hoje em dia, um jovem engenheiro de 23 anos talvez tenha dificuldade em reconhecer a sua entrevista de trabalho na Apple como referente ao mesmo binómio de um mineiro do princípio do século XX. Por isso, pareceu-me claro que queria que estas duas personagens não se inserissem no tecido laboral mais baixo, mas fossem, sobre todos os aspetos, personagens no topo da sua carreira a concorrer pelo mais elevado grau de reconhecimento – tinham de ter sucesso e estar a concorrer à mais alta posição possível no mundo empresarial. E, portanto, empreendedores com uma ideia genial nas mãos. Ora, o problema estava em como graduar o ciclo das três entrevistas neste sentido. Porque o CEO de uma empresa não teria de passar pelas mesmas barreiras que um programador. E quem é que pode ter ascendente sobre um CEO de topo num mundo empresarial? Entra em cena – o Diabo.

No texto do espetáculo, embora o personagem se assumia como Lúcifer, fiz sempre questão de que não se tornasse claro se tudo aquilo é verdade ou apenas uma brincadeira. E parece-me que é fundamental que assim seja, precisamente, porque a personagem Lu não representa mais do que a mera ideia de sucesso máximo em troca de um princípio fundamental. E chegado aqui, todos os dominós tomaram o seu lugar sem dificuldade. O trabalhador e o patrão são sócios de uma empresa unicórnio de sucesso, que acabou de inventar uma tecnologia revolucionária na área de I.A. e receberam uma proposta para vender a empresa a um gigante tecnológico. A entrevista de trabalho, tornou-se uma proposta de fusão e, diante do cheque multimilionário que lhes é colocado à frente, o patrão e o trabalhador lutam contra os seus princípios e perspetivas sobre o Trabalho (novamente a letra maiúscula).

Posto isto, tornou-se também fundamental que a relação destes dois sócios fosse firme, estável e fiável; caso contrário, a tentativa em cena seria mais frágil e as defesas mais fáceis de destruir. Entram em cena, Marta e Maria, duas irmãs em referência às personagens bíblicas, que até aos olhos de Jesus olhavam para o serviço de formas diferentes. Por isso, Marta tornou-se a CEO – a cara e a marca desta empresa, e a Maria tornou-se CTO – o cérebro e o braço por detrás da invenção. E estas duas pessoas, claro, olham para o trabalho de forma muito diferente.

“Maria – E é para isso que fizemos isto? Todo este trabalho?”

Marta – Sim. Claro.

Maria – Ai é para isso que trabalhamos? Para nunca mais termos de trabalhar? Isso faz todo o sentido. Trabalhar para não trabalhar!

Marta – Oh Maria...”

Com todas estas peças em jogo e entrando o ambiente alegórico/parabólico em cena, senti que faltava uma última âncora ao espetáculo. Se por um lado tinha alguém que olhava para o trabalho como um meio para um fim, e, por outro, tinha alguém que olhava para o trabalho como um fim em si mesmo, parecia-me que me faltava alguém que olhasse para o trabalho como serviço, uma missão, que não se esgota em si mesmo, nem é um degrau para algo mais, mas alguém que encontra na realização de um trabalho, um dever e um sentido existencial – entra em cena a Dona Ana. Deste modo, durante toda a peça, saltamos continuamente entre estes dois planos: uma sala de reuniões de topo, onde os grandes cérebros tecnológicos discutem um negócio de milhões de euros, para uma casa que precisa ser limpa, por uma mulher que passa os dias sozinhas a fazer sempre o mesmo trabalho. E cada plano serve para iluminar melhor o outro.



Resta notar um último ponto. Pela própria dimensão alegórica que a história ganhou, também se tornou claro que não queria que o espetáculo fosse propagandista; quero dizer, não queria que a dimensão alegórica se perdesse numa mera mensagem que há a transmitir. Nesse sentido, a ideia de capitalismo surge também ela apenas como um elemento a discutir,



como uma força que entra em ação e que é preciso reconhecer, mas tentando não a tratar como um mal ou como um bem. E essa parece-me a força do espetáculo – pôr em cena uma série de forças em ação que lutam pela sobrevivência e que, espero, nos façam pensar no nosso trabalho e na forma como olhamos para ele. Dona Ana - Morrer? Não tenho medo nenhum. Às vezes, elas perguntavam-me, elas sabem que eu vou à igreja. E então metem-se comigo. Oh Dona Ana e depois no céu o que é que faz? Nas nuvens com os anjinhos. Vai-se aborrecer. E eu. Não senhora. Que Nosso Senhor também há-de ter cuecas para lavar ou não? Ai e dá-me muita graça. Eu a lavar as cuecas do Senhor, a fazer-lhe a cama. Ai que disparate. Mas era muito engraçado ou não? Eu a limpar o céu. Ai que graça. Deus queira.





Ensaio Fotográfico

The We in the I

Miguel Santos, 2021, Artista e investigador no Laboratório de Investigação em Design e Artes, ESAD.CR
– IPLeiria, miguel@miguelsantos.org,
miguel.f.santos@ipleiria.pt

The We in the I propõe uma reflexão sobre a subjetividade humana enquanto expressão de relações multiespécies, enfatizando o seu carácter simultaneamente singular, relacional e dinâmico, em permanente transformação e cocriação. Através de uma prática fotográfica baseada em exposições prolongadas (aproximadamente 30 minutos), o projeto explora estas interações complexas, questionando perspetivas antropocêntricas ao evidenciar a interdependência, a influência recíproca e a vulnerabilidade partilhada como condições fundamentais da existência. As imagens registam subtis acumulações de movimentos, interações e transformações ao longo do tempo, destacando processos lentos e silenciosos, que valorizam a escuta atenta e a quietude, criando e integrando o tempo como elemento da imagem e da subjetividade em formação.

Neste processo, a câmara atua como uma testemunha sensível e paciente da respiração do ambiente, trazendo à luz dimensões biológicas e ecológicas frequentemente desequilibradas ou negligenciadas pela percepção humana. O projeto sublinha também a importância da ignorância consciente enquanto atitude aberta e receptiva ao desconhecido, um aspeto essencial no desenvolvimento do relacionamento humano com o mundo mais que humano.

Ao revelar as interdependências multiespécies, o projeto promove uma ética do cuidado, da reciprocidade e do respeito, convidando a uma reimaginação crítica e criativa do papel humano numa rede de vida partilhada. Desta forma, procura incentivar uma consciência sensível e atenta às relações complexas que nos constituem, contribuindo para a construção de uma sociedade multiespécies.















